

# Os olhos de Manacapuru

Cybelle Taveira Bentes  
Janaína Maria Gonçalves  
(organizadoras)

CYBELLE TAVEIRA BENTES  
JANAÍNA MARIA GONÇALVES  
(Organizadoras)

OS OLHOS DE MANACAPURU



MANACAPURU/AM  
2016

**Organização:**

Cybelle Taveira Bentes  
Janaína Maria Gonçalves

**Capa:**

fotografia: Mário Sérgio de Menezes da Silva  
diagramação: Alexandre Ricardo von Ehnert

**Arte e diagramação:**

Alexandre Ricardo von Ehnert

**Revisão:**

Janaína Maria Gonçalves

Obra financiada pelo Edital PROEX/IFAM nº 004/2015



---

Ficha catalográfica

---

O42

Os olhos de Manacapuru / Cybelle Taveira Bentes, Janaína Maria Gonçalves (Orgs.). – Manacapuru: IFAM - *campus* Avançado Manacapuru, 2016.

66 f.; 21cm.

ISBN - +, !, )!\*--+%\$(!+

Coletânea de crônicas e fotografias editada a partir do Concurso de Crônicas e fotografias do IFAM - *campus* Avançado Manacapuru.

1. Literatura amazonense - crônicas 2. Fotografias 3. Concurso de Crônicas e fotografias do IFAM – campus Avançado Manacapuru I. Título.

CDD: 902.811.3

---

Catálogo na fonte

Elaborada pela Bibliotecária Cybelle Taveira Bentes CRB – 11/968

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

**Não é permitida a comercialização**

Presidente da República em exercício  
MICHEL MIGUEL ELIAS TEMER LULIA

Ministro da Educação  
JOSÉ MENDONÇA BEZERRA FILHO

Secretário Nacional de Educação Média e Tecnológica  
ELINE NEVES BRAGA NASCIMENTO

Reitor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do  
Amazonas  
ANTÔNIO VENÂNCIO CASTELO BRANCO

Pró-Reitora de Extensão  
SANDRA MAGNI DARWICH

Diretor Geral *Pro Tempore* do IFAM - Campus Avançado  
Manacapuru  
FRANCISCO DAS CHAGAS MENDES DOS SANTOS

Chefe do Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão do IFAM -  
Campus Avançado Manacapuru  
JULIANO MILTON KRÜGER

Coordenador de Extensão do IFAM - Campus Avançado  
Manacapuru  
ALEXANDRE RICARDO VON EHNERT





## *Prefácio*

A obra *Os Olhos de Manacapuru* reúne crônicas e fotografias produzidas por alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, campus Avançado Manacapuru e pela comunidade manacapuruense. O livro é fruto de um concurso realizado pelo IFAM e aberto, não só para os discentes e servidores da instituição, mas também, para toda sociedade interessada.

Sabemos que Manacapuru apresenta características ímpares: uma beleza exuberante, uma cultura muito rica e um povo cheio de memórias. Contudo toda essa riqueza pode passar despercebida se não houver ações que valorizem os elementos que constituem a cultura local. Nesse sentido, este livro tem o objetivo de promover a cultura manacapuruense, para isso buscamos dar vez e voz aos moradores daqui, incentivando-os a escreverem e fotografarem o que presenciam no seu dia a dia. Contando as histórias vivenciadas, mas que, na maioria das vezes, são ignoradas. Assim, procuramos despertar nos participantes a sensibilidade para visualizarem no seu cotidiano a fonte de inspiração. Como resultado, percebe-se que muito das percepções que compõem o livro, não só são descritas, mas, principalmente, vividas.

O próprio título “Os olhos de Manacapuru” já traduz a proposta do livro que é de estimular os moradores a se tornarem os

próprios escritores do local onde vivem. Percebeu-se que por meio dos diversos olhares, dos escritores e fotógrafos, que a realidade do município foi sendo retratada de uma forma muito verdadeira ao longo do livro. Há quem descreva o colorido da cidade revelando, tristemente, que não são mais as flores que tonalizam o lugar, mas o lixo esparramado nas ruas. Há aqueles que se flagram admirando detalhes de uma rua em que era acostumado andar, mas que se apresenta como algo novo. Há aqueles que confessam seu amor pela cidade reconhecendo que ela é desvalorizada e que somente os que estão longe reconhecem esse amor. Há aqueles que falam dos amores vividos nas praça, nas ruas da cidade e outros que falam da política. Há aqueles que registraram a beleza do pôr do sol manacapuruense, um outro capta o rio em sua plenitude ou há quem registre uma criança brincando em uma pacífica e singela praça.

Assim sendo, o sucesso desta ideia deve-se aos discentes, servidores do IFAM e à comunidade de Manacapuru que encararam o desafio de escrever um livro. Por isso, com grande satisfação lançamos a obra *Os olhos de Manacapuru*, com páginas repletas de histórias e imagens que farão com que você conheça e se encante com este lugar magnífico, carinhosamente chamado de “Princesinha do Solimões”.

**As organizadoras**

# Sumário

## Crônicas

---

As crônicas de um amanhecer.....	09
<i>Elioney Nascimento</i>	
Agente .....	11
<i>Giovanna Lima da Silva</i>	
Meu lugar.....	12
<i>Nina Carolina</i>	
Manacapuru – um olhar para o passado.....	14
<i>Lia Mara Veloso dos Santos Cruz</i>	
Alegria de pobre dura pouco.....	17
<i>Miriam Salvador Vieira</i>	
Manacapuru: poesia e prosa.....	19
<i>Camila Rebeca</i>	
O encontro inesperado.....	20
<i>Italiane Brenda Pires Barroso</i>	
Contemplando o belo.....	21
<i>Debora Karolyne</i>	
As eleições.....	22
<i>Rafany Vasques Leite</i>	
Você Voltou.....	23
<i>Valcineide Souza Vieira</i>	
<i>Willianny Brito Leite</i>	
Descaso ou por acaso?.....	24
<i>Yasmin Pires</i>	
O grito.....	26
<i>Franciana Sales</i>	
O menino de rua.....	27
<i>Ellen Gomes do Nascimento</i>	
O prêmio.....	28
<i>Juliana Ribeiro Coelho</i>	
Promessas de político.....	29
<i>Felipe Marque Joseph</i>	

O som.....	31
<i>Jessica Inácio</i>	
O encontro.....	32
<i>Maria Castro Bia</i>	
Último adeus.....	34
<i>Janaina Maria Gonçalves</i>	

## *Fotografias*

---

O caminho.....	38
<i>Paulo Uitor Rebouças Soares</i>	
Crianças brincando na praça.....	40
<i>Cris Barros</i>	
A seca do rio Manacapuru.....	42
<i>Alciane Matos de Paiva</i>	
Rio Manacapuru.....	44
<i>Eline Minuzgo</i>	
A natureza e o urbano de Manacapuru.....	46
<i>Gabriel</i>	
Rio Manacapuru.....	48
<i>Mário Sérgio de Menezes da Silva</i>	
O colorido pôr do Sol do rio Manacapuru.....	50
<i>Hilton Barros de Castro</i>	
Manacapuru - vista aérea.....	52
<i>Mário Sérgio de Menezes da Silva</i>	
Manacapuru - vista aérea.....	54
<i>Mário Sérgio de Menezes da Silva</i>	
As margens do rio Manacapuru.....	56
<i>Rodrigo Samuel</i>	
A “cheia” do rio no balneário Miriti .....	58
<i>Cybelles Taveira Bentes</i>	
Marcas do Miriti.....	60
<i>Alexandre Ricardo von Ehnert</i>	

*As crônicas de um amanhecer*

*Elioney Nascimento*

Andando... Ouvindo meus próprios passos... Percebo que nem todos os dias são iguais.

Uma manhã a cada vez, ouvindo os sussurros do vento empurrando a suave brisa de um novo amanhecer. Os raios de um sol forte, límpido e radiante brilhando ali, naquele lindo e imenso céu.

Olho para o relógio...

Nossa!!!

06h30min da manhã.

Deveria ter mais pessoas na rua. Falando nisso, sempre tive essa curiosidade de saber por que o nome “Virgílio Barroso Alexandre”...

Será que ele foi um prefeito de Manacapuru? Ou quem sabe, um governador!... Ou, melhor ainda! Quem sabe ele não foi o fundador da cidade!... Bom, ele pode ser também alguém que salvou uma velhinha de um acidente de carro, ou ate um gato de uma arvore. Pra falar a verdade, Manacapuru é uma cidade de mistérios.

Um silêncio toma conta das ruas.

Correr seria bom agora... Medo? Não! Apenas para manter o corpo em forma. Mas, para ser sincero, medo não tenho, apenas curioso para entender porque a casa 6231 tem duas portas na frente e não uma janela e uma porta!...

## Os olhos de Manacapuru

Para falar a verdade, nunca tinha percebido isso... Sempre saio de casa com minha moto e nem percebo que existem casas na vizinhança.

Estranho! Será que é porque eles não gostam de ninguém espiando pela janela, ou apenas se esqueceram de colocar!?

É! Talvez as manhãs não sejam mesmas iguais... Talvez possa passar despercebida a verdadeira história do nome da minha rua! Os mistérios que envolvem a minha pequena cidade Manacapuru! A casa sem janela na frente...

Detalhes de um amanhecer qualquer, que percebi ao longo de uma curta caminhada. Sem bocejar e sem ter olhado para trás, fico pensando que a noite não foi feita apenas para dormir, mas também, para que se construa histórias e momentos que são contadas por passos, gestos, olhares, falas, sonhos, desejos, pecados, erros e acertos...

Enquanto estamos com nossos olhos fechados, sonhando com coisas que talvez não aconteçam, o amanhecer esta escrevendo mais uma historia em nossa pequena vida.

E quando você abre os olhos, a primeira coisa que você vê é a oportunidade de tentar acertar ou continuar errando mais uma vez.

Bom, posso chegar em uma conclusão...

Nossos dias sempre serão como quisermos... Podem ser todos iguais, ou todos diferentes.

Depende da forma como cada um escreve seu próprio amanhecer...

## *Agente*

*Giovanna Lima da Silva*

Ele cantava e tocava em um lugar que ela não fazia ideia, a única certeza que tinha era que a voz que soava do outro lado da linha era a voz que lhe fazia sorrir com o vento e o coração pulsar como batidas de um tambor de cirandas a bailar no Parque do Ingá, acontecimento raro depois de tanto sofrimento. Depois da canção eles conversaram por mensagem:

- Tudo bem?

- Td eh com vc?

Por um instante ela pensou se deveria continuar a conversa, pois erros de português são gravíssimos, mas com sutileza respondeu:

- Sim, você dormiu bem?

- Sim, mas dormiria melhor se agente dormisse juntos!

Um romance que poderia ter um final feliz acaba com um fim trágico quando o rapaz usa um "agente" e mata seu relacionamento.

## *Meu lugar*

*Nina Carolina*

O dia naquela Invasão, localizada em um terreno particular situado no município de Manacapuru, parecia começar como todos os outros. O sol forte já despontava quente trazendo luz e acordando quem dormia o sono tranquilo da inocência. Tudo parecia normal, exceto pelas máquinas e homens que entravam naquele local cumprindo ordens de alguém que estava bem longe dali.

A polícia começa a desocupação, moradores perdidos, desolados com sentimento de perda. Perda? Mas o que perderam se nunca possuíram? Nunca possuíram eis o x da questão. As pessoas só queriam um lugar pra chamar de seu. Todos correm para tentar salvar o pouco do que possuem. Há uma mistura de raiva, dor, decepção, tristeza, angústia que toma conta do ar que quase chega a ofuscar o sol tão brilhante.

As autoridades fazem o seu trabalho, claro, eles estão ali para cumprir ordens, não podem pensar como “ser humano”, naquele momento é o soldado, o oficial cumprindo seu papel. A terra fica molhada, lágrimas de gente trabalhadora que não pode ir contra as leis dos “homens”. Essas lágrimas tem gosto diferente, gosto da dúvida; o que vai ser agora? “Para onde vou agora?” “O que fazer?” Quem pode responder? Talvez o tempo, talvez a coragem, talvez a força de vontade de recomeçar.

Todos aos poucos vão saindo, levando consigo a pequena lembrança de como é ter uma casa, mesmo sendo improvisada, de lona e papelão, chão de barro, mas era uma casa. O que ficou em meio a tanta confusão foi uma sandália esquecida, deixada para trás devido a pressa, o medo, o perigo. Aquela criança que antes dormia tranquila e que foi acordado pela luz do sol forte, deixou para trás não só uma sandália, talvez a inocência, as amizades ali construídas. Na sua bagagem agora carrega as memórias das brincadeiras de infância com os amigos, agora marcadas pela realidade que o cerca e um futuro incerto que o aguarda. Seu presente foi remexido pela assinatura de alguém que estava bem longe dali, indiferente ao sofrimento dos que só buscavam um lugar, algo que pudessem chamar de “meu”.

*Manacapuru – um olhar para o passado*

*Lia Mara Veloso dos Santos Cruz*

O que os olhos da princesinha do Solimões veem quando acorda? O que ela veste para se apresentar aos que navegam por seus rios e revelam olhares curiosos para conhecer essa Manacapuru, que tem como significado do seu nome “flor matizada”?

A cidade, que carrega quão ilustres codinomes, está sem ornamentos floris e sem príncipe que a acolha como princesa que é. Porém, aqueles que passam por sua frente ou são levados à cidade pelas águas do Solimões veem sua fachada colorida, pena que as cores das casas antigas se misturem com cores de rastros deixados por seus acolhidos, pois o lixo se encarrega de “ornamentá-la”, do seu jeito não muito cavalheiresco, deixando-a assim colorida em toda parte. As flores matizadas ou flor de manacá, que alegravam antes a princesinha do Solimões, foram substituídas por asfalto, por muros, por altas pedras. Essas flores que eram vistas de longe fazendo tão elegante recepção a quem a visitava no passado e que as viam enquanto ouviam as boas vindas misturadas às notícias de procura por um parente ou comunicados fúnebres direto da voz beira-mar, ditas pela voz do personagem icônico “Pipa”. Coisa de cidadezinha das décadas de 80 e 90.

Hoje, a princesinha não está muito animada em fazer tais honrarias. Mas muitos fazem o papel de anfitriões para receber os

visitantes diários. Há roedores e aves “embelezando sua fachada”. Diz-se até já terem visto urubu-rei, talvez por saber que esta é uma princesinha, quis mostrar a ela sua realeza também.

Quando chove a princesinha perde sua timidez e deixa seus ornamentos serem levados para outras partes do seu corpo. A chuva quando torrencial, por serem as mesmas águas do passado, sempre que vem visitá-la, o que não é raro, faz um passeio turístico como quem quisesse visitar o passado e rever os poucos carros existentes em oitenta, os quais as crianças, sentadas em frentes das suas casas sem grades, ficavam esperando por horas para que passasse um e muitas vezes saiam desiludidos, mas contentes por terem visto algumas bicicletas. Ocorre que em 2016 a chuva é atropelada a toda hora por tantos carros e motos. Crianças brincando de “roda” na chuva se perdeu também. O progresso mudou a princesinha. A chuva não consegue encontrar no presente, diferente do que ocorria no passado, as pouca casa perdida em meio a tanta mata.

A mata se foi e em seu lugar ficou o “Parque do Ingá” que uma vez por ano traz a ciranda e o passado mais uma vez revive na memória de onde tudo começou. Há neste evento a doce homenagem aos guerreiros Muras, primeiros habitantes desse reino hoje tão sem cocar, tão sem penas, tão sem olhares para o céu, tão sem histórias ao redor de fogueiras, tão sem panela de barro, tão sem... Ele, o progresso, como carrasco deixou a princesinha- antes anfitriã tão simples, tão amigável, sem grade, sem armas, sem drogas, sem

acidentes, sem suicídios, hoje com tantas grades e muros que a infância pura se foi junto com os piões, com as bolas de gude e as amarelinhas. O muro de Berlim, na década de 80 separava muitos de uma vez. Os minis muros de Manacapuru hoje separam poucos e todos ao mesmo tempo.

Enfim, a princesinha dorme hoje sem o silêncio existente no passado! Sem os coaxar dos sapos e os estrilar dos grilos, sem as fortes luzes da via láctea, sem as conversas em frente das casas e os namoros inocentes escondidos. Sem os sonhos da menina entrando de branco na igreja pra casar. A princesa dorme sem o “bença-pai” e o “bença-mãe”? Esses valores foram substituídos pela dormida na casa do namorado ou da amiga. A chegada da “útil” internet, tão acolhida pela terra de gente boa, trouxe consigo as redes sociais que tiraram do passado os olhos nos olhos, a conversa na praça, a queimada na rua e o grito da mãe: “Menino! Entra! Já tá anoitecendo”! Agora é: “meu filho por favor, larga este celular! Vai lá fora ver como o dia tá bonito”. Foi-se o futebol de rua e o batom só depois dos 15 anos. E assim a princesinha dorme com o progresso, mas sonha com a inocência e a beleza que perdeu.

## *Alegria de pobre dura pouco*

*Miriam Salvador Vieira*

É sábado à noite e como sempre a praça de alimentação está lotada, já que é um dos únicos lugares de Manacapuru para onde os moradores podem ir com amigos e família.

E lá estou em pé observando o movimento: pessoas lanchando, passeando, conversando com os amigos, namorando, crianças brincando... Todos parecem muito felizes e satisfeitos.

Alguns minutos se passam e uma mãe chega com seus dois filhos, aparentando terem 3 e 6 anos. Criança vai para praça com intuito de brincar, e aquelas crianças não pensavam diferente. Descendo da moto foram logo apontando para as motinhas que lá haviam.

- Quero andar de motinha mamãe! Disse o garoto mais novo

A mãe disse que só depois de lanchar que eles poderiam brincar.

O garotinho fica zangado e senta-se na sarjeta da praça totalmente desiludido, dizendo:

- Mamãe não gosta de mim, não quer me dá real para andar de motinha!

O telefone da mãe toca... era o pai das crianças querendo saber como eles estavam. A mãe conversa um pouco com o marido e ele pede para falar com o filho mais novo. A mãe leva o telefone para o

filho, que ainda está sentado na sarjeta com a cara fechada. O filho, sabendo que era o pai ao telefone, cai em prantos, daquele de soluçar, e pausadamente diz:

- Tô bem não, pai! Mamãe me trouxe para praça para olhar os outros andando de motinha! Não me deu real para andar também!

Depois dessa cena a mãe ficou com pena do garoto e o levou para andar de motinha.

Com o rostinho todo vermelho de tanto chorar, lá ia ele, agora estampando a maior felicidade do mundo, girando em torno das plantas.

Após algumas voltas a dona das motos sorri para o garotinho, e ele todo feliz sorri de volta. Então ela diz:

- Tempo esgotado!

O garotinho começa a chorar novamente, deixando clara a veracidade daquele famoso ditado: “A alegria de pobre dura pouco”.

*Manacapuru: poesia e prosa*

*Camila Rebeca*

Eu moro em uma cidade bonita, ela parece poesia e prosa. Banhada feito princesa e amada demais, tem gente que nem sabe o tamanho desse amor até dizer adeus.

Tem gente que nem a vê como poesia e prosa como eu. Às vezes não dá tempo de apreciar o pôr do sol, de prostrar com a senhorinha que diz me conhecer a muito tempo (eu digo que a conheço mesmo não lembrando realmente de quem se trata), de ficar na beira d'água, de sorrir de volta para o moço que corre na contramão.

Não é todo dia que posso usar aquela blusa de frio, afinal, frio é coisa rara por aqui. Aqui tem calor, calor de gente e de sol que não tem pena nem dos “caboquinhos”. A cidade nem é bem cuidada. Tem gente que não sabe amá-la com amor de verdade, cuida dela pela metade. Fazendo pouco caso do lugar sagrado onde mora.

Minha cidade tem cheiro de casa, calor de cidade grande e é cheia de refúgios e cara de interior. No fim, não sei se é mais poesia ou mais prosa, só vou aproveitando cada detalhe na esperança de nunca perder meu olhar de amor.

## *O encontro inesperado*

*Idaliane Brenda Pires Barroso*

O vento batia nas folhas que caíam no chão. O sol aparecia no alto do céu. Os olhos dele brilhavam, a sua memória se voltava para lembrança do olhar e o sorriso da moça e em seguida a lembrança do encontro marcado. Olhando pela janela viu que o dia estava perfeito, pegou o carro e foi em direção ao lugar que haviam combinado. O olhar estava fixo no relógio, pois não queria se atrasar, a todo instante passava a mão no cabelo, o nervosismo tomando conta e fazendo o seu coração pulsar mais rápido. Trazia consigo uma cesta com frutas, sucos, doces e uma rosa vermelha, tudo para um café da manhã maravilhoso. Ele havia escolhido o lugar mais deslumbrante, era um local reservado e cheio de árvores já no final de Manacapuru.

Chegando ao lugar procurou deixar tudo perfeito. Olhando para rosa sentiu o vento forte, o som das folhas caindo e quando olha para sua direita lá estava sua amada. Nesse instante, viu que não era apenas o sorriso dela que era lindo, mas também o seu jeito tímido e o olhar de quem vive sem medo.

Desfrutando do café saboroso ela sorriu feliz. Ele pegou na sua mão e lhe entregou a rosa vermelha, seus olhares se encontraram e a olhando nos olhos falou:

- Estou feliz por este momento meu amor, estou feliz por estar completando 15 anos de casado com você.

## *Contemplando o belo*

*Debora Karolyne*

Fim de tarde, após um dia exaustivo caminho sobre as ruas pacatas da minha pequena cidade Manacapuru. Triste e desanimada e com o propósito de me distrair caminho em direção a uma sorveteria que fica na pracinha de Manacapuru.

Enquanto sou atendida começo a observar as pessoas ao meu redor, diante de mim pouco mais à frente se encontra um casal de meia idade, passo a fitá-los, ambos se deliciam com um saboroso milk shake, como não observá-los? Quão linda era a maneira em que trocavam olhares, como dividiam o delicioso milk shake, a conversa entre os dois me parecia prazerosa, a jovem senhora de aparência tímida balançava as pernas de forma jeitosa demonstrando gostar do que ele estava falando. Logo atrás um pai brincava com sua filhinha esbanjando carinho, fazendo-a saltitar sob umas barras de ferro que dividia as enormes árvores dos bancos da pracinha. Aquela criança abre um enorme sorriso quando percebe que está sendo observada.

Saio daquele local estampando um sorriso no rosto com a certeza que ainda é possível contemplar o belo em detalhes quase que insignificantes.

## *As eleições*

*Rayanny Vasques Leite*

O domingo mal tinha amanhecido direito na cidade de Manacapuru e já quase não podíamos mais dormir, incomodados com o barulho contínuo dos saltos de minha tia. Ela andava desesperada de um lado para o outro pela casa em busca de sua bolsa que acabara de perder. Títia era assim, toda apressada, é do tipo que não deixa pra fazer depois que podia fazer agora e por isso fazia questão de ir logo cedo votar, mal abria os portões e pronto... títia já havia votado.

Mas se tinha uma coisa em que títia conseguia ser melhor do que apressada era o fato dela ser muito faladeira e como não conseguia achar a bolsa não parava de falar. Até que titio, que por ventura é seu marido, levantou - se da cama e pegando a bolsa disse:

-Pega, mulher, essa tua bolsa e vai logo votar e nos deixe dormir em paz.

Então títia já tranquila e com a bolsa debaixo do braço saiu em busca do primeiro mototáxi que parasse para levá-la, enquanto nós já com a casa silenciosa enfim, pudemos, podemos voltar a dormir. O que ninguém contava é que títia em pouco mais de quinze minutos voltaria em busca de seu título que havia esquecido e a confusão começaria novamente.

*Você Voltou*

*Valcineide Souza Vieira  
Willianny Brito Leite*

Passeando pela Pracinha da Prefeitura, olhando “aquele” banquinho, pensei: “Ah, se ele falasse” o que contaria sobre a última conversa que ouvira entre eu e você.

Lembro-me vagamente do que eu senti naquele momento em que você me virou as costas levando consigo os nossos planos e apagando sorrisos, pisando nas boas memórias.

Lembrei-me dos lugares por onde andei com você. Admito que sofri, então comecei a caminhar pela orla da cidade, vendo o rio passar e as lembranças atormentaram quando a nossa música tocou.

Admito que meu coração acelerou quando te vi sorrindo em minha direção. Aqui estamos agora e apenas encaro a sua surpresa ao encontrar a porta da minha vida fechada. Lembra que foi você que me deixou fora da sua?

Confesso que foi difícil. Seguir a estrada, engolir a poeira, mudar o foco, definir novas prioridades e voltar a crescer. No final, o seu erro me fez mais forte, incapaz de acreditar em falsos pedidos de perdão. Não é irônico que seja você que deva aprender a dizer adeus agora?

*Descaso ou por acaso?*

*Yasmin Pires*

Estava caminhando pelas ruas de Manacapuru, quando algo me chamou a atenção e parei para ver: eram duas senhoras na faixa de pedestres esperando que alguém parasse para que elas atravessassem. Observei que as pessoas passavam em alta velocidade próximo àquelas senhoras, porém não davam a menor importância para elas, mesmo sabendo que tinham a preferência por estarem na faixa de pedestre. As pobres velhinhas acenavam que iam passar, ensaiavam pisar na faixa, tentaram de várias formas, uma delas até tentou puxar a outra e sair correndo para o outro lado, mas viram que era impossível e tinham que esperar que algum motorista se sensibilizasse e parasse para que elas pudessem atravessar com segurança.

Passaram alguns minutos...meia hora... e elas continuavam esperando o momento oportuno para irem para o outro lado. Estavam tão perto, cruzando a rua já chegariam a seus destinos. Alguns metros as separavam da segurança e o conforto do lar.

Contudo, os motoristas estavam apressados. Parecia que as velhinhas estavam invisíveis. Alguns até as notavam, mas era para buzinar alto e gritar “saíam da rua” quando elas arriscavam dar um passo mais ousado na faixa de pedestre. Elas lançavam um olhar desolado para sua casa, que estava tão próxima dos seus olhos, mas que havia adquirido a dimensão de um sonho impossível.

De repente, surge uma moça muito bonita na faixa de pedestre, como um passe de mágica uma fila enorme de carros e motos para na frente das mulheres. Um homem visivelmente encantado e se destacando entre a fila de carros e motos parados ainda cumprimenta a moça.

- Bom dia, princesa! – Assim que ele a cumprimenta a moça atravessa para o outro lado tranquilamente.

Aquele homem poderia até estar com segundas intenções, mas quem se deu bem foram as senhoras que, finalmente, conseguiram chegar em casa.

*O grito*

*Franciana Sales*

DE DEUS: A CRIAÇÃO. DA AMAZÔNIA: A ORIGEM. DOS SERES VIVOS: OS ANIMAIS. DOS ANIMAIS: OS MAMÍFEROS. DOS MAMÍFEROS: OS SILVESTRES. DOS SILVESTRES: OS PRIMATAS. DOS PRIMATAS: O MACACO BARRIGUDO. DO HABITAT: A FLORESTA DE MANACAPURU. DA FLORESTA: OS MAIS CURIOSOS. DAS ARVORES: AS MAIS ALTAS. DOS SALTOS: OS MAIS CERTEIROS. DA NATUREZA: A BELEZA. DAS BELEZAS: AS MAIS EXÓTICAS. DOS OLHARES: O MAIS TERNO. DOS SORRISOS: O MAIS SINGELO. DE ALIMENTO: FOLHAS E FRUTAS. DE HÁBITO: DIURNO. DE COMPORTAMENTO: COLETIVO. DE INSTINTO: LIBERDADE. DE DEFESA: A MORDIDA. DE PELAGEM: CURTA E ESPESSA. DE CABEÇA: REDONDA. DE ORELHAS: PEQUENAS. DE CAUDA: COMPRIDA E FORTE. DE COR: CINZA E PRETO. DE PESO: MEIA DUZIA. DE TAMANHO: MEDIANO. DE VIDA: DUAS DÉCADAS. DO HOMEM: PRESA FÁCIL. DO DESMATAMENTO: VÍTIMA. DO TRÁFICO: O MAIS VISADO. DO HOJE: O RISCO. DO AMANHÃ: A EXTINÇÃO. O GRITO É DE SOCORRO. O SOCORRO É PELA PRESERVAÇÃO DA ESPÉCIE.

*O menino de rua*

*Ellen Gomes do Nascimento*

Lá eu estava, na praça de alimentação de Manacapuru naquela noite agradável, parecia ser uma noite igual às outras: amigos e casal de namorados ao redor da mesa à espera do jantar.

Aquele momento poderia passar despercebido se não fosse aquele pequenino menino sentado à beira da calçada vestindo trajes velhos, com as mãos fazia gestos para as pessoas que lá passavam.

Ele parecia falar, não com a boca, mas com o olhar, um olhar meigo pedindo atenção. Poderia ser um freguês, um vendedor ou um ajudante de malabarista, mas era apenas mais um menino de rua abandonado nesse mundão, onde as pessoas nem enxergavam que ali havia um pequeno cidadão.

De repente um carro lentamente estaciona, suas luzes refletiram o menino que continuava sentado. As portas do carro se abriram e de dentro saiu uma moça elegante, parecia uma importante mulher de negócios que a passos largos direciona-se ao menino perguntando-lhe.

-O que você faz aqui? Eu não lhe avisei que não quero lhe ver mais vestido desse jeito pedindo esmolas?

O pequeno pedinte olhou para a mulher não com o olhar de um menino, mas com o olhar triste de um homem decepcionado e diz:

- Mãe, esta é a única forma de saber como é a vida de um menino de rua.

## *O prêmio*

*Juliana Ribeiro Coelho*

Era uma tarde gloriosa, havia acabado de enviar torpedos para a rádio Palmeira no intuito de participar do *quiz*- *The Game*, O jogo do conhecimento. Apesar da enxaqueca que ameaçava tirar a minha paz estava disposta a encarar o desafio. Minutos depois meu celular tocou, era a rádio fui o feliz sorteado, porém ainda não era hora de comemorar, pois havia cinco perguntas a serem respondidas - como nossa vida é cheia de “porém”!

Mãos soando frio, pulsação acelerada, concentração no auge... A primeira de cinco perguntas foi respondida e tudo se encaminhava para o sucesso com o decorrer do quiz, até chegar à quarta pergunta: O que é um ruído semântico? Em um belo chute, acertei e passei para a quinta e última pergunta- a adrenalina corria solta- segundos de antecipação para que o computador formulasse a pergunta (ai meu Deus! E Se for outra questão que não farei ideia da resposta?!). Nesse instante um carro de propaganda política passa pela rua com o volume muito alto, abafando o som do radinho de pilha. Lá se foi o meu prêmio!

E aquela poluição sonora ambulante ainda falava de propostas de uma Manacapuru mais limpa!!!

## *Promessas de político*

*Felipe Marque Joseph*

**Candidato:** Meu grande amigo, há quanto tempo...

**Eleitor:** Há quanto mesmo, então por que você sumiu?

**Candidato:** Sabe, meu caro amigo tinha ido morar com o meu tio, pois você sabe que o meu grande sonho é ser prefeito dessa minha amada cidade Manacapuru, minha terra querida.

**Eleitor:** Ah, tá, mas porque foi morar com seu tio?

**Candidato:** Pois meu amigo você se esqueceu de que meu tio é governador? Fui aprender com ele como me tornar um grande político para administrar a minha querida cidade.

**Eleitor:** Ah, tá, me perdoe não sabia que seu tio era governador ? Fui aprender com ele como se tornar um grande político para administrar a minha querida cidade.

**Candidato:** sim, e falando nesse assunto já escolheu em quem você vai votar para prefeito?

**Eleitor:** Ainda não, sabe quero ver o que é melhor para mim, ops, quero dizer para a cidade.

**Candidato:** meu grande amigo, vote em mim você não me conhece, sou honesto, trabalhador e prometo que se for eleito a minha amada cidade terá segurança, uma saúde em perfeito estado e uma boa educação, a melhor do Brasil, sem falar dos meus vários projetos de

realizar concursos públicos e gerar também mais empregos, acabar com o tráfico e muitas outras propostas maravilhosas.

**Eleitor:** Hum, sei não...Será que posso confiar em você?

**Candidato:** claro que pode confiar em mim, é uma promessa que faço, pode contar comigo para qualquer coisa, pegue meu número de telefone e ainda porque você é meu amigo pegue quinhentos reais.

**Eleitor;** muito obrigado, realmente você é o melhor candidato, já tem meu voto.

*Depois da eleição...*

**Cidadão:** Alô meu amigo, preciso de sua ajuda, meu filho sofreu um assalto e ele foi baleado, estou no hospital com ele, mas estão faltando médicos, remédios, equipamentos...

**Prefeito:** entendo...

**Cidadão:** Estou vendo meu filho morrer na minha frente e você não vai fazer nada? E todas aquelas promessas?

**Prefeito:** Olhe, você se esqueceu, cidadão? Promessas de político tem validade, só vale na eleição e de quatro em quatro anos...

*O som*

*Jessica Mácio*

Minha casa estava uma bagunça, olhei ao meu redor e preferi deixar tudo de lado e sai para tomar um ar.

Fui a uma pracinha bem próxima, sentei em um banco todo coloridinho e comecei a observar o movimento que acontecia ali, era uma tarde bem agradável.

-Ops! O que é esse barulho todo subindo a rua?

Logo me deparei com carros de som com o volume bem alto anunciando propagandas políticas, mas essa não era a pior parte. Percebi que os mesmos eram de partidos opostos e que já não mais se tratava de simples anúncios, mas sim de uma disputa de sons, pois ambos queriam mostrar qual carro tinha o som mais “estourado”.

Averigui as pessoas que estavam ali e percebi que não era a única que estava com cara de frustração e indignação com tanto barulho. Fechei os olhos e respirei bem fundo, lembrei-me da minha casa. Uma sensação estranha tomou conta de mim, de repente tudo me parecia tão normal. Sem perceber comecei me levar por aquela batida e aproveitando o som tirei a sandália do pé e simplesmente comecei a dançar.

## *O encontro*

*Maria Castro Bia*

O amor não costuma marcar hora e lugar. Pode acontecer a qualquer momento e este aconteceu numa preguiçosa segunda-feira. Estava um pôr do sol lindo colorindo as nuvens com suas cores adoráveis. Era um cenário perfeito para um encontro de dois seres que nunca tinha se encontrado pessoalmente. Saindo do virtual para a realidade

Para as outras pessoas era apenas segunda-feira com sua rotina: levantar cedo, tomar o café às pressas, chegar atrasado no trabalho, colocar a culpa no trânsito de Manacapuru; contudo, era um dia totalmente diferente para quem estava com o coração transbordando de felicidade.

O banzeiro do rio que espelhava o brilho do sol não se comparava com o brilho do primeiro olhar daqueles dois seres enamorados, que tornava tudo ao redor um momento singular; nem com o primeiro abraço onde puderam sentir o quanto aquele momento era esperando. Para os dois amantes o ar, os pássaros, os barcos chegando ao porto deixava cada detalhe único em suas mentes.

O cenário de encantamento era percebido da mesma forma, seus sorrisos demonstravam a emoção que estavam sentindo ao se encontrar pela primeira vez. Contudo, podia-se observar a recriminação dos que passavam por ali, alguns olhavam com olhar de

## Os olhos de Manacapuru

zombaria, outros de crítica, julgando aquele encontro como algo errado. Estavam com os olhos vendados, não conseguiam admirar a mais pura entrega do amor, poucos notaram a beleza de um pôr do sol de uma segunda-feira coroando o encontro de duas paixões. O amor entre duas mulheres.

*Último adeus*

Em memória à Jonas da Silva Lima, aluno do curso  
Técnico subsequente em Administração, do IFAM  
*Campus* Avançado Manacapuru.

Foi sem se despedir do amigo  
Não deu o último beijo  
Suas flores não foram regadas  
Sua cama ainda está desarrumada  
Tem louça na pia  
Contas sem pagar  
Partiu tão de repente  
Sua voz ainda ecoa  
Sobre os muros do seu jardim  
Nem pode ver  
A lágrima enxugada às pressas  
De um amor não declarado  
Nem pode ver  
A chuva que caía  
Cobrindo de luto a cidade  
Nem pode ver  
A dor sincera derramada  
Nos olhos de seus amigos  
Nem pode ver  
A última chamada

## Os olhos de Manacapuru

Marcada para sempre  
Nos corações de seus mestres  
Ficaram as lembranças  
Eternizando seu sorriso.

*Professora Janaina Maria Gonçalves*



FOTOGRAFIAS  
OLHARES DE MANACAPURU

*O caminho*

A paisagem fica localizada no Ramal do Japonês, no km 8 da estrada de Novo Ayrão.

*Paulo Vitor Rebouças Soares*



## *Crianças brincando na praça*

A fotografia foi tirada na praça 16 de julho que tem esse nome em homenagem ao aniversário da cidade. Nela destaca-se a prefeitura iluminada pelo sol das 16h. De barracão que abrigava várias famílias, tornou-se um prédio histórico que hoje é a sede do poder executivo. Crianças brincam nos bancos da praça trazendo à tona a lembrança do ambiente familiar e de lazer que há muito tempo havia se perdido e ao lado nota-se o busto do saudoso e sorridente ministro Waldemar Pedrosa que muito contribuiu para a história desta cidade.

*Cris Barros*



*A seca do rio Manacapuru*

A seca do rio traduz a luta de um povo,  
a esperança e a paz reluz sobre a nuvem e sobre a água.

*Alciane Matos de Paiva*



Os olhos de Manacapuru

*Rio Manacapuru*

O caboclo na sua ida deixa saudade e transforma o Rio no seu acalento.

*Eline Minuzzo*



## *A natureza e o urbano de Manacapuru*

Manacapuru é uma cidade que surpreende pelos seus contrastes. Ao mesmo tempo em que tem a população ribeirinha, tem também a sua urbanidade. Numa ambiguidade quase prismática, as lentes da câmera captam a vida como possibilidade em um espaço de convivência com a natureza aparentemente bruta, com sua beleza pujante, mas, também, a partir de uma relação com a cidade, matéria prima extraída e modificada pelo trabalho humano. O plástico, aparentemente destoante na foto e em contraposição ao que se é atribuído como natural, é uma marca explícita dessa relação ambígua do ser humano com a natureza. Ele, ao mesmo tempo, faz parte dela e modifica suas formas. Assim, o fabricado nas caldeiras industriais, o urbano, insere-se na realidade ribeirinha como existência e sobrevivência, como modus do ser manacapuruense, moldado pela natureza e pela própria humanidade.

*Gabriel*



Os olhos de Manacapuru

*Rio Manacapuru*

*Mário Sérgio de Menezes da Silva*



*O colorido pôr do Sol do rio Manacapuru*

A fotografia revela o pôr do sol às margens do rio Manacapuru,  
realçando as belezas no entorno da orla da cidade.

*Hilton Barros de Castro*



*Manacapuru - vista aérea*

*Mário Sérgio de Menezes da Silva*



*Realidades de viajantes riberinhos.*

Não podemos falar de Manacapuru sem falar dos riberinhos. Assim como indica esta fotografia, algo tão natural quanto o nascer do sol que se destaca de uma forma grandiosa é reservada aos viajantes de rios que se deparam tantas vezes com imagens como esta. Falo por experiência própria, pois de tantas e tantas vezes presenciar, um dia registrei um dos momentos mais belos que o contexto cotidiano manacapuruense nos dá a honra em ter: o nascer do sol com a presença da floresta, do rio e o barco que transporta e transforma a paisagem

*Jayne de Carvalho*



*As margens do rio Manacapuru*

A fotografia registra a orla localizada às margens do rio Manacapuru, ela nos revela as moradias dos ribeirinhos manacapuruenses.

*Rodrigo Samuel*



*A "cheia" do rio no balneário Miriti*

No ano de 2015, durante o período de “cheia”, na estrada Manoel Urbano pudemos apreciar de dentro do carro o belíssimo rio Manacapuru no entorno do Miriti. Suas águas escuras e calmas revelavam seus mistérios e belezas.

*Cybele Taveira Bentes*



*O nascer do Sol*

O Sol nascendo e abrindo o céu como uma Bíblia.

*Adonias do Livramento Siqueira*



## *Marcas do Miriti*

Marcas que ficam aparentes são sempre as maiores, aquelas que superam todas as outras, os recordes. Mesmo em meio a solidão e a aparente desolação podemos ver as marcas, mesmo em meio a alegria e ao sucesso podemos ver as marcas, até mesmo na natureza podemos ver a marca da superação, a marca da grande cheia.

Mas existem marcas que são invisíveis, que só ficam nos olhos e no coração de quem as veem e as sentem, são aquelas das vazantes, que chegam no mínimo de sua cota por apenas alguns poucos dias no período de uma vida. Alguns dizem que são tragédias, que são tristezas, ou que não são importantes e que por não deixarem marcas visíveis, não merecem um lugar na história, nem mesmo merecem serem lembradas.

Mas marcas das cheias não teriam beleza se as vazantes não as expusessem, não as trouxessem a vida todos os anos. Se não houvesse expectativa de superação, de qual será a nova marca e quando esta nova marca será também superada o registro visível não teria sentido algum, seria apenas um risco, uma mancha, um borrão.

Esperamos ano a ano por um novo ciclo, que poderá trazer a maior ou a menor cheia e vazante, mas essas fazem parte da vida e deixam sempre marcas, na árvore, na vida ou no coração.

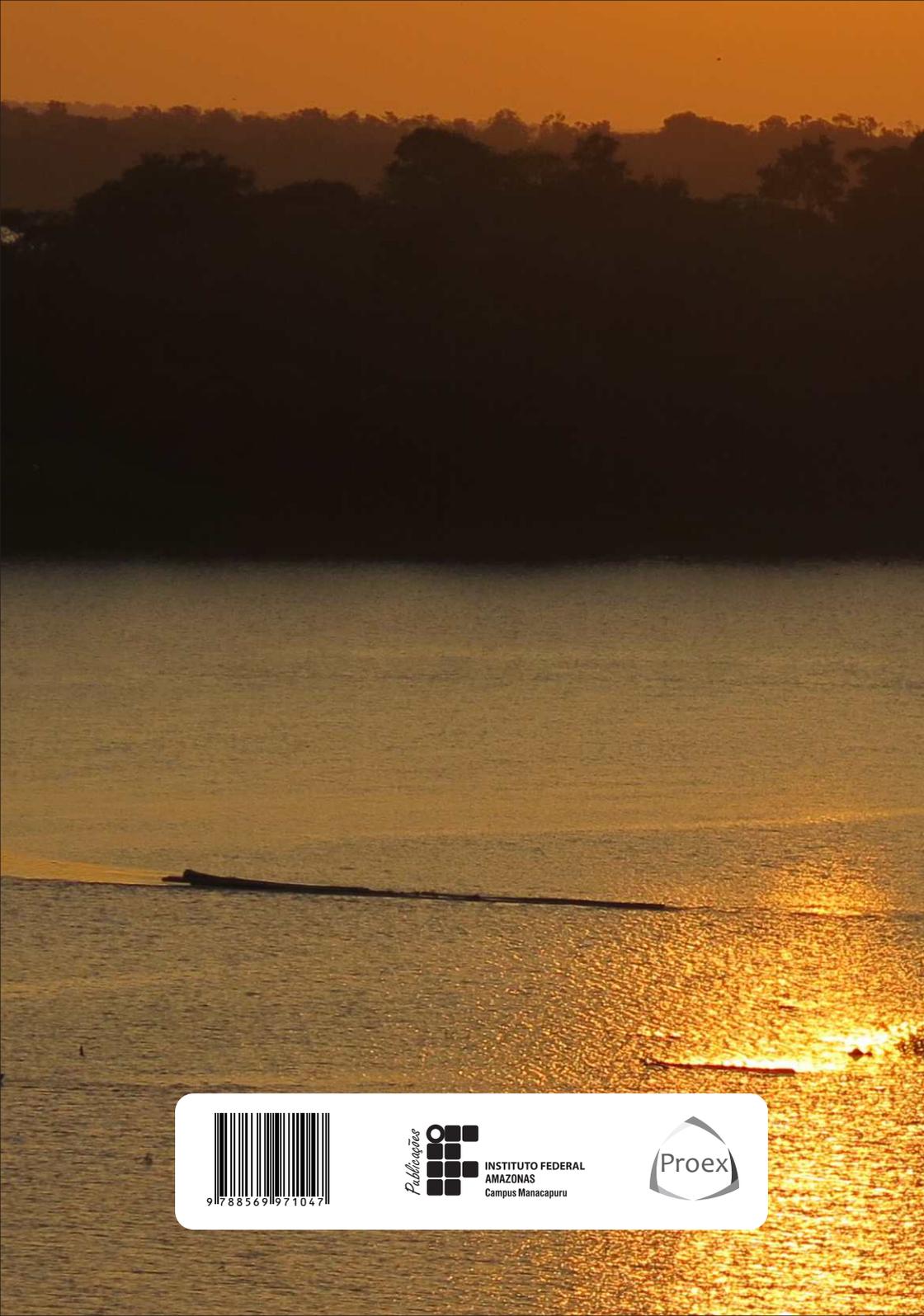
*Alexandre Ricardo von Ehnert*











9 1788569 197104 7



*Publicações*

INSTITUTO FEDERAL  
AMAZONAS  
Campus Manacapuru



Proex